



# DIVERSIDADE E PERTENCIMENTO: UMA LEITURA A PARTIR DE CURTAS-METRAGENS DE ANIMAÇÃO

Cleide Rita S. de Almeida\*  
Mariangelica Arone\*\*  
Alexsandro Junior de Santana\*\*\*

**Resumo:** Este artigo trata da diversidade e do pertencimento vividos em várias situações e contextos presentes em nosso cotidiano. De abordagem qualitativa, apoia-se em fontes de natureza bibliográfica e documental, a partir de quatro curtas-metragens de animação, utilizando como base teórica o pensamento complexo de Edgar Morin, com destaque para a ética da compreensão.

**Palavras-chave:** Filmes. Diversidade. Pertencimento. Ética. Pensamento complexo.

## INTRODUÇÃO

"Eu vejo a vida melhor no futuro  
Eu vejo isso por cima de um muro  
De hipocrisia que insiste em nos rodear  
Eu vejo a vida mais clara e farta  
Repleta de toda satisfação  
Que se tem direito do firmamento ao chão"  
(Lulu Santos, "Tempos modernos").

Este estudo busca refletir sobre experiências estético-visuais que trazem temáticas sobre a condição humana, com foco na produção de curtas-metragens responsáveis por provocar a sensibilização do olhar para o respeito às diferenças, além de enfatizar, por meio da narrativa cinematográfica, a compreensão do cotidiano complexo vivido, potencialmente gerando uma renovação de nossos pensamentos.

---

\* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE/Uninove). *E-mail:* cleidea@uol.com.br

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Pesquisadora. *E-mail:* angelicarone@yahoo.com.br

\*\*\* Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE/Uninove). *E-mail:* alexjrstn@hotmail.com

Temos adotado filmes como eixo de pesquisa em nosso grupo por entendermos que eles trazem contribuições para compreendermos os seres humanos em suas múltiplas dimensões. Desde a juventude, Edgar Morin foi cinéfilo, e, com ele, aprendemos a olhar os filmes sem hierarquizá-los *a priori* pela importância. Como o próprio Edgar Morin (2000a) declara, a cultura da Rua de Ménilmontant constituiu-se para ele como um alimento; dramas, operetas e *westerns* imprimiram marcas em sua formação, fazendo-o perceber a possibilidade de identificar situações vividas em personagens parecidos ou diferentes de nós, e isso é um movimento enriquecedor. Em outra obra, Morin (1997, p. 12) relata que "estava possuído pela ideia, já em si complexa e recursiva, de compreender a sociedade com a ajuda do cinema e, ao mesmo tempo, compreender o cinema com a ajuda da sociedade". De maneira contínua e autodidata, ele construiu-se com suas interrogações, com vários autores e pensamentos diversificados, não praticando exclusão, mas buscando contribuições diversas e plurais que o ajudaram a produzir uma concepção transdisciplinar.

Trabalhamos com curtas-metragens de animação, entendendo que em tais filmes continua válida a afirmação de Morin (1997, p. 49), segundo a qual "o mundo das imagens desdobra incessantemente a vida", na medida em que também esses vídeos abordam situações presentes no cotidiano. Remontando suas origens ao teatro de sombras, hoje são mais divulgados e aceitos, não sendo entendidos apenas como dirigidos ao público infantil, mas igualmente a jovens e adultos. Segundo Sébastien Denis (2007, p. 9), "a leitura surrealista de Ado Kyrrou, por um lado, e a subjetividade de Edgar Morin, por outro, validaram a visão de um cinema virado para o imaginário, no qual a animação podia encontrar o seu lugar [...]".

Dos quatro filmes de curta-metragem que compõem este estudo, o primeiro, sob o título *O presente* (*The present*), do animador Jacob Frey, é uma adaptação de uma pequena história em quadrinhos do artista brasileiro Fábio Coala e traz a história de um garoto com deficiência física. Com uma narrativa simples, *O presente* mostra um personagem que passa seu tempo sentado em um sofá jogando *videogames*. Sua mãe chega e deixa perto dele uma caixa com um presente, mas o garoto parece mais interessado no jogo. A mãe pergunta se ele não vai abrir o presente. Ele abre a caixa, vê que é um cachorrinho, mas, assim que percebe que o animalzinho não tem uma pata, demonstra descontentamento. Acontece que o público ainda não sabe que o garoto tem uma deficiência física similar à do cachorrinho. Com movimentos de rejeição ao presente, o personagem principal cria situações de não aceitação. Mas, com a brincadeira do cachorrinho com uma bola, finalmente o garoto consegue sair do *videogame* e ir brincar fora de casa, fechando o filme com um encontro empático amigável e de superação.

O segundo filme é o espanhol *Cordas* (*Cuerdas*), de Pedro Solís Garcia, ganhador do Prêmio Goya de 2014 na categoria melhor curta-metragem de animação e baseado na história do casal de filhos do diretor. Diz ele:

Um dia em Guadalajara, pensando no futuro incerto do meu filho, ouvi uma canção de Bunbury que dizia "te atarei com todas as minhas forças, meus braços serão cordas". Nesse momento, toda história passou diante de mim. Só precisei chegar em casa e escrevê-la. O menino é meu filho, a cadeira de rodas que aparece é a cadeira do meu filho, foi a primeira que fiz (cf. SEIDENTHAL, 2019).

*Cordas* traz a narrativa da menina Maria, que cria um vínculo muito especial com um colega de classe que tem paralisia cerebral. Apresenta a solidariedade em situações específicas e um diálogo capaz de evitar a intolerância e o *bullying*. Esse filme desperta a busca do conhecimento sobre a deficiência, para compreender a subjetividade humana e as responsabilidades ante os diferentes seres humanos e, assim, colocar em pauta a discussão sobre o fato de que apenas inserir fisicamente o aluno em sala de aula não basta para incluí-lo no contexto escolar. No final do filme, uma dedicatória: "À minha filha Alejandra: Obrigado por inspirar essa história. Ao meu filho Nicolás: Quem dera nunca tivesse inspirado essa história. À Lola: por tudo que não tem chorado diante de mim..." (*CUERDAS*, 2014).

O terceiro curta é *Num piscar de olhos (In a heartbeat)*, da dupla Beth David e Esteban Bravo, que trata de um romance entre pessoas do mesmo sexo, com os personagens ainda na fase do colégio. O tema central do filme é o amor, que aqui envolve o desenvolvimento de uma paixão, trazendo à tona a discussão de gênero. É tecido a partir do momento em que um rapaz encanta-se por um colega de escola e seu coração pulsa e pula fora do peito. A partir daí, são apresentadas cenas de perseguição do seu coração até chegar a completar a revelação dos sentimentos. Diante da complexa multiplicidade de fenômenos que perpassa a temática, é importante destacar a ética da compreensão com o objetivo de provocar uma consciência que propicie o agir em busca de respeito.

*Purl*, da Pixar, o último curta deste estudo, é escrito e dirigido por Kristen Lester e produzido por Gillian Libbert-Duncan. Conta a história de um novelo de lã chamado Purl, que consegue um emprego em uma *startup* financeira chamada BRO Capital, local de trabalho exclusivamente masculino, onde ela enfrenta alguns desafios ao interagir e tentar integrar-se. No início ela é ignorada e até desrespeitada pelos colegas de trabalho. Tenta mudar seu estilo de vestir e sua postura, mimetizando o vestuário masculino em busca de aceitação. Diante da mudança, os homens passam a ser mais amigáveis. Mas, ao observar seu retrato refletido sem sua imagem redonda e de terno, e com a chegada de outro novelo ao ambiente de trabalho, Purl tem um choque de identidade. De maneira sutil, o curta aborda a identidade feminina e a questão do pertencimento, fazendo perceber quanto têm sido difíceis para as mulheres os ambientes corporativos tradicionalmente dominados por homens, bem como as suas relações. Assim, traz a discussão para a masculinidade e o feminismo, o desrespeito à diversidade e o preconceito contra a mulher em ambientes de trabalho.

Os filmes estudados abordam diferentes temáticas, mas todos provocam questionamentos sobre a condição humana, e algumas ideias recorrentes, como diversidade e pertencimento, coadjuvadas por solidariedade e ética, serão destacadas em nossa análise.

## SINAIS DA CRISE DA HUMANIDADE

O que é ser humano na experiência contemporânea? Como essa experiência se abre para a diversidade? Multiplicam-se cada vez mais os diagnósticos graves a respeito dos desafios de ordem econômica, demográfica, política, de civilização, de crença, mas que essencialmente é "a crise da humanidade que não consegue atingir seu estado de humanidade" (MORIN, 2013b, p. 33).

Para entendermos a ideia de crise, é recomendável recorrer ao pensamento complexo, compreendido como aquele que organiza as experiências do mundo em seus múltiplos aspectos; assim, o ser humano faz escolhas e recusas, governa a si, singulariza e registra seu estar no mundo.

Referimo-nos a uma realidade de experiências não lineares, multidisciplinares e conectadas, em que não cabe o fato de termos sido educados por um sistema de conhecimento e de pensamento fragmentado, de separação dos saberes e das disciplinas, que produziam especialistas competentes em uma área fechada e, ao mesmo tempo, incompetentes ao depararem com problemas globais.

Nessa perspectiva, não parece fazer muito sentido esse sistema de educação que dissemina uma forma de pensamento linear, repetitivo, segmentado e previsível, que não dialoga com a realidade complexa.

Morin (2000b) aponta para uma reforma do pensamento e da educação, de maneira pragmática e paradigmática no que se refere à modificação da informação em conhecimento. É este o nosso grande desafio. Precisamos pensar e repensar a relação da humanidade com sua própria condição humana. Ou seja, situar o conhecimento, como observa Morin em relação à crise do desenvolvimento:

Este desenvolvimento permitiu o desafogo individual, a intimidade no amor e na amizade, a comunicação do teu e do meu, a telecomunicação entre cada um e nós; mas este mesmo desenvolvimento trouxe também a automatização dos indivíduos, que perdem as solidariedades antigas sem adquirirem novas, a não ser anônimas e administrativas (MORIN; KERN, 1995, p. 68).

As consequências dessa discrepância entre desenvolvimento e crise passam pelo pensamento ilimitado do ser humano que gerou, entre outras, a crise da biosfera, do meio ambiente e da humanidade. Como mudar de caminho?

O pensamento complexo de Morin ajuda a pensar essa crise, que vem de longe: sua origem remonta ao século XIX nos países industrializados, onde se implantou uma grande modernização no sistema capitalista.

No cenário atual, a civilização sofre a crise dos valores humanos fundamentais sobrepujados pela ciência, que permitiu à técnica desenvolver armas de destruição em massa que se multiplicam, com a possibilidade de cada vez mais serem utilizadas, provocando múltiplos conflitos. Assim também, a tecnociência, com sua produção descartável destinada ao consumo imediato, produziu o cidadão consumista. Podemos dizer, então, que vivemos um mal-estar proporcionado pelo bem-estar.

Em um panorama que consolida cada vez mais a globalização, temos agora o encaminhamento da humanidade para um destino comum, mas ao mesmo tempo ocorrem processos que a conduzem a catástrofes (MORIN, 2016). Temos o aspecto contraditório da globalização: "Ela é a pior das coisas e a melhor das coisas que podem acontecer à humanidade. [...] Por um lado, se os problemas contemporâneos agora são globais, por outro, as nações nunca antes foram tão interligadas em uma mesma comunidade de destino" (MORIN, 2016). O desafio atual é globalizar e desglobalizar ao mesmo tempo, ou seja, continuar com tudo o que existe de positivo na globalização, mas proteger as virtudes e as qualidades das culturas nacionais e das comunidades locais.

Entendemos que, diante da realidade e de tantas incertezas, é necessário repensar nossas relações com a natureza, com as tecnologias, com os outros. Tudo pode ser mudado, transformado. Nós precisamos mudar, o mundo precisa mudar. É preciso reformar a agricultura, a justiça, a política, a educação, o conhecimento, o pensamento, a concepção de mundo... Porque precisamos aprender a viver bem e a enfrentar os problemas da vida, e nos guiar nesse oceano de incertezas no qual nos encontramos. A esperança em meio à crise tem aqui um papel importante.

Estamos inseridos mais e mais profundamente na crise da humanidade. Mas a própria profundidade da crise indica a esperança improvável. Quando um sistema é incapaz de tratar seus problemas vitais, ou ele se desintegra ou suscita nele mesmo um metassistema mais rico, capaz de tratar seus problemas, ou seja, de metamorfosear-se. Ora, o sistema Terra não pode tratar seus problemas fundamentais, os da fome, da miséria, das migrações, da degradação ecológica, da difusão e multiplicação de armas de destruição em massa e da eclosão de ódios ideológico-religiosos. Ele está condenado a se desintegrar ou a metamorfosear-se (MORIN, 2010, p. 268).

Além disso, somos um pedaço da humanidade, de um povo, de uma civilização, mas com sua unidade na própria diversidade e vice-versa (MORIN, 2000b).

## UNIDADE E DIVERSIDADE

"Nunca o nosso mundo teve ao seu dispor tanta comunicação. E nunca foi tão dramática a nossa solidão. Nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitamos tão pouco" (COUTO, 2011, p. 4).

Os filmes selecionados apresentam as diversidades e unicidades dos personagens em suas múltiplas relações. Analogamente à realidade em que vivemos, as narrativas mostram que, em decorrência do desenvolvimento tecnológico e científico, as pessoas estão cada vez mais próximas umas das outras, de seus territórios culturais, mas, contraditoriamente, ninguém está próximo de ninguém. Nesse sentido, compartilhamos a ideia da solidão, tal como inspiram as palavras de Mia Couto, em epígrafe. Nunca houve tanto desenvolvimento e tão pouco diálogo. O individualismo aumenta e há pouca comunicação e solidariedade.

Parece que chegamos ao momento de não só não aceitar, mas, sobretudo, de aprender e respeitar a pluralidade dos modos de viver e da condição humana dos "diferentes". Percebem-se, no contexto dos filmes *Purl* e *Cordas*, a exclusão e a segregação relacionadas à não compreensão, em que os seres humanos "devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano" (MORIN, 2000b, p. 47).

O percurso trilhado pelo garoto e seu cachorro na animação *O presente* é de aprendizagem mútua. O cachorro contribui para a retomada da identidade e da autoestima do garoto a partir de uma amizade que mostra a empatia, mas também uma atenção ímpar com as potencialidades e singularidades envolvidas dos dois personagens.

Ao longo da trama da animação *Cordas*, Maria e seu colega Nicolás trilham um percurso de amizade e sonho, contribuindo para o entendimento, o respeito à individualidade de cada ser humano. Nicolás, por ter múltiplas deficiências, é discriminado pelos colegas no ambiente escolar. Quando Maria o encontra, uma bela amizade nasce, e, diante das limitações do garoto, ela recria as atividades para que ele consiga brincar, retratando o contraponto à discriminação nas demais relações de convivência e mostrando, dentro de um contexto limitado, a importância da relação que se estabelece no ensino e na aprendizagem.

O encontro de dois garotos no filme *Num piscar de olhos* insere a pauta da inclusão: eles estão descobrindo a homoafetividade. A narrativa lida com duas importantes agendas: a inclusão na sociedade culturalmente organizada heteronormativamente e a característica individual homossexual dos personagens, evidenciando quanto é importante que se construam relações de respeito e diálogo.

Em *Purl*, apreendemos que existem outras exigências, como a variedade de interesses, a multiplicidade de ideias e o respeito às diferenças, para que não haja uma ditadura dos homens sobre as mulheres (minororia).

Dessa maneira, os diferentes processos de inclusão/exclusão não ocorrem simplesmente pela existência do diferente, mas pela necessidade de ensinar a condição humana, ou seja, a compreensão da relação entre heterogeneidade e o singular de cada sujeito. Segundo Morin (2000b), a diversidade é apreender a unicidade e simultaneamente a multiplicidade em sua unidade.

Compreender a importância dos múltiplos aspectos do ser humano (biológico, psicológico, cultural, social etc.) exige um olhar atento e, ao mesmo tempo, uno. Devemos "cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade" (MORIN, 2000b, p. 55). Ao entendermos essa relação nos relacionaremos como humanos e deixaremos de homogeneizar.

Outro importante ponto é pensar o universal e o particular em um mesmo movimento, do que é comum entre seres humanos e do que os diferencia. Respeitar a diferença exige um comportamento complexo capaz de utilizar estratégias de excluir e, contraditoriamente e ao mesmo tempo, aprender gradativamente a respeitar a singularidade de cada um e a conviver, de maneira a valorizar o pluralismo e o diálogo de contrários.

Para Morin (2000b), o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Na esfera individual, trazemos a unidualidade original (mental, afetiva, psicológica, subjetiva), e, na multiplicidade cultural, as diversidades.

Conviver com as diversidades e respeitar a singularidade de cada um é um desafio constante que a reflexão dos filmes nos mostrou. É fundamental repensar a educação e o pensamento em relação aos outros, a convivência plural, a diversidade e a unidade, pois, como assinala Santos (2003, p. 56):

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Em outras palavras, compreendemos que respeitando o pluralismo, protegendo as minorias, promovendo as liberdades individuais, caminharemos em busca de uma condição humana de bem viver.

## PERTENCIMENTO

"[...] o homem, ser de relações e  
não só de contatos,  
não apenas está no mundo,  
mas com o mundo"  
(FREIRE, 1994, p. 47).

Os temas abordados nos curtas-metragens dialogam com assuntos em evidência na sociedade: o potencial do feminino, a inclusão e a homoafetividade, bem como outros tipos de compreensão, entre eles o pertencimento dos sujeitos aos diferentes grupos com que convivem.

De algum modo, em todas essas narrativas audiovisuais encontram-se a expressão da própria identidade, a reflexão sobre a necessidade de pertencimento e as dificuldades de indivíduos para se encaixarem em uma sociedade cheia de padrões, regras e estereótipos. Nesse sentido, trata-se de trabalhos que favorecem a discussão acerca de experiências vividas no cotidiano em contextos sociais reais.

Entendemos pertencimento como os vínculos do sujeito com o mundo no qual ele vai significando sua existência e o espaço vivido, em uma intrínseca relação com a ideia de identidade. A noção de pertencimento a que remetemos tem como referência o pensamento complexo e nos mostra o enraizamento físico e biológico do ser humano e suas relações ao mesmo tempo individuais e sociais.

Há muitas possibilidades de entender o sentido do pertencer; entretanto, nós as concebemos como indissociáveis nas relações homem-natureza e indivíduo-espécie, as quais não podem ser configuradas de maneira reducionista e fragmentada. Essas relações atuam de modo que os aspectos da identidade são imbricados ao pertencimento e simultaneamente implicam complexas tessituras que vão além da identificação do sujeito com seu lugar. Ser próprio significa, sobretudo, legitimar suas identidades em diferentes contextos de convivência, desenvolvendo sentimentos que se vão estendendo com o estabelecimento de vínculos, referências e valores.

A trama de *O presente* gira em torno de um garoto e sua relação com o próprio corpo. Vemos o personagem envolvido em suas partidas de *videogame*, imerso em um mundo solitário – ideal cultuado por ele mesmo em decorrência de sua limitação física. Essa participação isolada no mundo é problematizada com o momento, simbólico e imprescindível para a narrativa, em que o garoto vê seu presente: um cachorro sem uma pata. Nesse momento, seu olhar exprime um duplo sentimento: por um lado, a rejeição ao cão e, por outro, a vontade de interagir, instigada pelo cachorro. Na sequência, vemos o menino deixando seu *videogame*, em um movimento que vai do brincar solitário e fechado para um brincar aberto e em grupo. O olhar agora é outro: não há rastros de descontentamento, apenas o desejo de brincar. Esse movimento explica que ser próprio de algo se constitui pelas relações em conjunto, na construção de referências sociais, no valor dos processos de identificação, nos elos emocionais inerentes ao estar com os outros no mundo.

Os valores éticos e políticos inserem-se na ideia de pertencimento nos diversos projetos em que vivem os indivíduos em sociedade, evidenciando-se o direito à participação, a ser parte de determinados grupos. Essa noção é desenvolvida no curta-metragem *Purl*, no qual se aborda a pressão exercida sobre a mulher para que se enquadre em padrões preestabelecidos no mercado de trabalho. A obra retrata a dificuldade da mulher, a angústia de tentar



adaptar-se, vincular-se a um lugar que não a contempla, um território dominado pela masculinidade. Ainda, assume uma postura crítica e afirmativa diante da ausência e da estigmatização da representação da mulher no trabalho. A forte e intensa cultura do masculino é uma das causas da sensação de não pertencimento e solidão que atormentam o novelo de lã feminino.

A história *Num piscar de olhos* retrata a relação de dois jovens que precisam lidar com o preconceito por conta de sua sexualidade. O curta expõe a discussão sobre as questões identitárias (diversidade de gêneros) e se contrapõe ao comportamento de uma sociedade heteronormativa, que nega o pertencimento às diferentes orientações sexuais. É um filme que mergulha em valores como o respeito a todas as formas de amor e contribui para o debate de questões relacionadas com o que é próprio do ser humano e o preconceito existente em nossa sociedade. A manifestação de discriminação no curta não se dá de maneira direta, mas está presente e se intersecciona com a descoberta sexual. As questões estão subentendidas no contexto em que eles vivem. Ocupar espaços nos quais homossexuais são minoria é, por si só, uma experiência que nos lembra de nosso lugar no mundo como pessoas construídas culturalmente como heterossexuais.

Pode-se observar como ocorre o pertencimento no curta-metragem *Cordas*, em que vamos identificando as práticas escolares que conduzirão à condição de exclusão do protagonista, Nicolás. Com as limitações impostas pelas múltiplas deficiências, é atribuído o isolamento a esse aluno, que deixa de exercer o direito de igualdade constitucional, de interagir e participar de atividades escolares com os colegas, na medida em que a escola não prevê estratégias pedagógicas adaptadas à realidade desses alunos.

A partir dessa concepção de pertencimento e de suas características aplicadas ao aluno, compreendemos como se dá a aceitabilidade dos alunos nesses contextos e que

[...] todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 5).

Os modos como os sujeitos constroem suas noções de legitimidade podem sugerir, para uns, uma forma de pertencimento e, para outros, exclusão dos grupos de sua convivência.

Feitas tais considerações, é possível compreender de que modo o ser humano, em seu complexo mundo interno e externo e por meio de suas relações interpessoais, vai se construindo e se desconstruindo a partir da compreensão e interpretação daquilo que lhe faz sentido, e com isso constituindo suas representações sociais.

A perspectiva do pertencimento e da identidade explica as estratégias de que os seres humanos podem lançar mão nos espaços e tempos de sua vida para se sentirem aceitos em algo, em lugares e grupos, de maneira a fazerem rearranjos identitários e encontrarem formas de superação para as situações adversas do cotidiano.

## A ÉTICA DA COMPREENSÃO E DA SOLIDARIEDADE

A compreensão tornou-se necessidade fundamental para o nosso mundo, para o nosso tempo. A realidade em que vivemos é marcada pela diversidade das pessoas; esse fenômeno é acentuado por meio das novas tecnologias da comunicação, que nos conectam e ao mesmo tempo nos isolam. Em meio a um dilúvio de informações, gostos, tendências e orientações, tentamos estabelecer diálogo e, assim, continuar a viver em sociedade.

Compreender é também uma ação que demanda a atenção ao outro, ao perceber os detalhes que podem ir além daquilo que os sentidos captam. Para que isso aconteça, faz-se necessário ir em direção ao outro, suspendendo incompreensões e preconceitos.

Ao falar sobre a compreensão, Morin (2007b) toma como ponto de partida a incompreensão. Essa escolha advém de sua concepção de mundo, construída ao longo da vida, e dos obstáculos presentes na comunicação entre os indivíduos.

A incompreensão impera nas relações entre os seres humanos. Faz estragos nas famílias, no trabalho, na vida profissional, nas relações entre os indivíduos, povos, religiões. Cotidiana, onipresente, planetária, gera os mal-entendidos, provoca o desprezo e o ódio, suscita a violência e sempre anda ao lado das guerras (MORIN, 2007b, p. 109).

A incompreensão seria, então, a fonte de atos de fanatismo, dogmatismo e fúria, que podemos constatar quase que diariamente. Nessa perspectiva, pessoas e grupos que pensam de modo diferente da maioria, por exemplo, devem ser castigados, variando de uma repreensão até a pena de morte. Morin (2007b, p. 109) reforça tal pensamento ao dizer que "a incompreensão acompanha as línguas, os hábitos, os ritos, as diferentes crenças"; em outras palavras, onde existirem seres humanos, a incompreensão estará presente.

Nas sociedades marcadas pelo individualismo, a prática da compreensão é deixada de lado, pois se colocar no lugar do outro é um desafio que nem todos estão dispostos a enfrentar. Nesse contexto, a incompreensão produz círculos viciosos que podem corromper relações e sentimentos. A falta de amor impede reconhecer as virtudes existentes no outro; em demasia, provoca ciúmes e impede a liberdade do outro. Segundo Morin (2007b, p. 111), "o medo é fonte do ódio, que é fonte da incompreensão, que é fonte do medo, [...] que se autoamplificam".

A incompreensão alimenta o desejo de prejudicar o outro ou até mesmo extirpar sua presença e, no extremo, sua vida. Ele passa a ser um incômodo que deve ser afastado por vários motivos: pensamentos, ações ou o simples fato de existir.

Uma vez tendo caracterizado a incompreensão, Morin (2007b) passa a desenvolver a ideia de compreensão, que não concorda em reduzir os indivíduos a um único aspecto, mas, pelo contrário, reconhece-o em sua multiplicidade e procura entender as condições em que pensamentos e ações são desenvolvidos, e o que isso implica nas relações pessoais e interpessoais.

Morin (2007b) questiona como e se é possível compreender, compreender a si mesmo e os outros. Para isso, é necessário conjugar três procedimentos: a compreensão objetiva, a subjetiva e a complexa. O autor as explica da seguinte forma:

A compreensão subjetiva (de *cum-prehendere*, tomar em conjunto) comporta a explicação (*ex-plicare*, sair do implícito, desdobrar). [...] Fornece as causas e determinações necessárias a uma compreensão objetiva capaz de integrar tudo isso numa apropriação global. [...] a compreensão subjetiva é o fruto de uma compreensão de sujeito a sujeito que permite, por *mimesis* (projeção-identificação), compreender o que vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos e desgraças. [...] A compreensão complexa engloba explicação, compreensão objetiva e compreensão subjetiva. A compreensão complexa é multidimensional [...] Tende a inserir seus contextos e, neste sentido, simultaneamente, a imaginar as fontes psíquicas e individuais dos atos e das ideias de um outro, suas fontes culturais e sociais, suas condições históricas eventualmente perturbadas e perturbadoras (MORIN, 2007b, p. 122-113).

O processo de compreensão procura pontos em comum e distintos entre os indivíduos; dessa forma, é possível estabelecer um diálogo, respeitando as diferenças e criando laços solidários. Lidar com aquilo que é diferente provoca uma série de sentimentos e racionalizações. Perceber que o outro é um ser dotado de dignidade e respeito parece ser uma tarefa árdua para os que vivem acostumados com posturas e ideias excludentes.

Ao assumir a ética da compreensão, é possível identificar as fontes das incompreensões, que são diversas e convergentes. Vale ressaltar que, mesmo partindo de pontos em comum para proporcionar diálogo e entendimento, a compreensão mútua não é algo garantido. Um dos obstáculos é o princípio da redução, por meio do qual o indivíduo é visto por apenas um aspecto de sua vida. Em *Purl*, o personagem principal é estereotipado por ser feminino em um ambiente masculino. Os que estão ali não concebem a ideia de alguém diferente conviver no meio deles, pois isso causa incômodo, resultando em atitudes que menosprezam e ridicularizam. Em *Cordas*, a criança com paralisia torna-se um estorvo para os outros, é alguém que precisa ser evitado por necessitar sempre de ajuda e demandar esforço e atenção. Incluir

alguém que não age de acordo com as regras parece ser inconcebível. Essa fragmentação da percepção do outro é uma das causas da incompreensão.

Segundo Morin (2007b, p. 121), "o medo de compreender faz parte da incompreensão. Compreender. Essa palavra provoca sobressaltos naqueles que temem compreender por medo de desculpar-se". No curta *Num piscar de olhos*, o medo de revelar os sentimentos homoafetivos faz com que os personagens evitem se expor para não serem motivo de chacota e preconceito. O medo quebra qualquer possibilidade de relacionamento e vai condicionando o comportamento, pois certas questões não podem ser tratadas em público.

A ética da compreensão, uma vez assumida, faz com que pensamentos e ações entrem em choque com tudo aquilo que provoca e promove a incompreensão. Nesse aspecto, o pensador da complexidade indica alguns elementos fundamentais:

A compreensão rejeita a rejeição, exclui a exclusão. [...] A compreensão exige que nos compreendamos a nós mesmos, reconhecendo as insuficiências e carências, substituindo a consciência autossuficiente pela consciência da nossa insuficiência. Exige, no conflito de ideias, argumentar, refutar, em lugar de excomungar e de lançar anátemas. Exige a superação do ódio e do desprezo. Exige resistir à lei do talião, à vingança, à punição, tão profundamente arraigadas em nossos espíritos. Exige resistir à barbárie interior e à barbárie exterior, especialmente durante os períodos de histeria coletiva (MORIN, 2007b, p. 123).

Podemos notar que a compreensão nos tira de nossa zona de conforto, requer um movimento de aproximação do outro, deixando de lado os preconceitos e julgamentos. Para que isso possa acontecer, é preciso investimento e compromisso com a educação para a cidadania, para que os indivíduos aprendam a lidar e a conviver com a diversidade.

Morin (2007b), todavia, entende que as muitas iniciativas para melhorar as relações humanas não obtiveram sucesso, pois ainda temos a dificuldade de cultivar compreensão em nossas mentes.

Compreender é compreender as motivações interiores, situar no contexto e no complexo. Compreender não é tudo explicar. O conhecimento complexo sempre admite um resíduo inexplicável. Compreender não é compreender tudo, mas reconhecer que há algo de incompreensível (MORIN, 2007b, p. 124).

Promover a compreensão é um dos grandes desafios de nosso tempo, no qual as relações humanas parecem estar fragilizadas e indiferentes. Compreender é um processo gradativo e que exigirá tempo e esforço de cada um.

A solidariedade ocupa um lugar fundamental na ética de Morin (2007b), pois é um valor humano imprescindível para a vida em sociedade. Contudo, ela se torna frágil ou desaparece

quando depara com a desconfiança, a intolerância e o medo, que também fazem parte da vida humana.

A solidariedade tem o poder de reunir as pessoas, que precisam de apoio e proteção, principalmente em momentos em que a vida e a dignidade estão em perigo: crises migratórias, conflitos armados, catástrofes naturais, fome, epidemias são alguns exemplos disso. É necessário perceber também que existem os atos solidários que se dão no cotidiano, como no curta *Cordas*, em que uma estudante ajuda uma criança com deficiência a realizar ações simples como chutar uma bola ou passar a folha de um livro, que para essa criança era algo impossível de ser feito por conta própria.

Segundo Morin (2007b, p. 22), a vida em comunidade conduz o indivíduo a ser solidário com os outros: "É como se existisse uma harmonia preestabelecida que estimula os indivíduos a aderir a uma ética de solidariedade dentro de uma comunidade e leva a sociedade a impor aos indivíduos uma ética da solidariedade".

Apesar de existir uma dinâmica comunitária que leva os indivíduos a praticar a solidariedade, isso não garante que todos irão exercer tal valor, pois cada membro é livre para concordar ou não com as regras estabelecidas pela sociedade, e esta, por sua vez, pode também escolher se acolherá ou não os indivíduos em seu meio.

É no convívio social que as pessoas poderão entender o forte laço entre solidariedade e responsabilidade, que se constituem como fontes da ética. Para Morin (2007b), esses dois elementos são inseparáveis, pois se complementam e dão sentido à vida em sociedade. É no convívio comunitário que os indivíduos aprendem a cuidar um do outro, protegendo-se contra os perigos internos e externos que possam pôr em risco a existência de seus membros.

Nas sociedades humanas observamos a luta dialógica, organizadora entre o princípio da rivalidade e o princípio comunitário, a discórdia e a concórdia. O cosmo fez-nos à sua imagem e trazemos em nós o desencadeamento das forças de desintegração, de morte, de ódio, mas desenvolvemos, também, a fraternidade e o amor, forças de religação, o que nos coloca na dianteira da luta patética contra a separação, a dispersão e a morte. Por isso, nossas forças éticas são forças de religação. Todo ato ético é um ato que religa, ao próximo, aos seus, à comunidade e, em última instância, ao cosmo. E quanto mais tomamos consciência de que estamos perdidos no universo e de que somos lançados em uma aventura desconhecida, mais sentimos a necessidade de estar religados aos nossos irmãos e irmãs em humanidade (MORIN, 2013a, p. 31).

Nessa dialogia, na qual convivemos em meio a contradições, vamos aprendendo a conviver com as diferenças; mesmo que haja confrontos, é possível chegar a um entendimento. O curta *Purl* revela esse choque que se dá no encontro entre diferentes. Conviver com aqueles que pensam e agem de modo diferente do nosso pode trazer incômodo e repulsa, mas só

assim será possível perceber a riqueza que existe em enxergar o mundo a partir de outros pontos de vista, caso estejamos dispostos a isso.

## CONCLUSÃO: TEMPOS DE CAMINHAR NA ESPERANÇA

"Acredito, porém, que os rios que percorrem o imaginário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais da esperança" (COUTO, 2011, p. 11).

A crise da humanidade se decide na circulação da voz da esperança, pelo gesto do "eu-enunciador" do escritor Mia Couto. Nas tramas dos curtas-metragens, uma noção de devir se anuncia nestes tempos complexos, entre e além de seu real e imaginário, em que o preconceito, a exclusão e o respeito às diferenças apresentar-se-ão em outra moldura, fundindo o diálogo na fluidez dos tempos de experiências desumanas e humanas, esperança de novos sentidos e novos entendimentos. Diz Morin (2008, p. 8): "Nosso mundo da separação, da dispersão, da finitude significa também o mundo da atração, do reencontro, da exaltação".

Poderíamos acrescentar, nesse sentido, que experienciamos ações desumanas e humanas, e que as expressas nos filmes estudados fizeram-nos refletir sobre as vivências dos personagens, que nos apresentaram possíveis soluções para problemas da humanidade, como o respeito à existência singular complexa de cada ser humano e a busca de uma condição humana condizente com o bem viver.

Os tempos se entrelaçam e as forças de mudança despontam:

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. [...] E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo (MORIN, 2000b, p. 30).

Isso quer dizer que podemos tentar uma direção e fazer escolhas que nos possibilitem retificar o caminho que tomamos, se percebermos que nos equivocamos. Também significa ser capaz de apostar em um mundo humano e ao mesmo tempo humanizante. A esperança cabe no espaço de arrumarmos esse lugar.

Assim, as ideias de Morin são necessárias para reacender nossas possibilidades singulares altruístas e de convivência com os outros, de forma a respeitar a diversidade e a identidade, essenciais para estabelecermos um espaço compartilhado. O caminho é a reconstrução ética que só acontecerá em um conjunto de transformações e reconstruções humanas, individuais, sociais e históricas. É uma ação que envolve decisão, opção pela democracia, diálogo aberto e respeitoso, outro olhar sobre os indivíduos e suas singularidades e a construção da ética voltada para valores universais.

O viver nos tempos atuais parece-nos desencantado; mas o futuro é incerto, porque os seres humanos são capazes não apenas de escolher entre alternativas dadas, mas também de criá-las com sua ação, em um esforço de dar forma à esperança. Não seria essa a trilha a ser seguida nesse mosaico dinâmico das relações por nós construídas?

Em nossa trajetória, encontraremos o contraditório de cada ser humano: humanidade e desumanidade, bem e mal, belo e feio, solidariedade e individualismo, respeito e discriminação, entre outros. Mas talvez o recorte que fizemos ao refletirmos sobre essas curtas-metragens à luz do pensamento complexo seja um convite para continuarmos perseguindo a trilha, incerta, mas na qual reside a possibilidade de outro mundo possível, debruçando-nos sobre o que estamos fazendo e sobre o que podemos fazer, e no alerta de Morin (2016, p. 1): "uma nova humanidade é possível, um mundo melhor é possível". Isso possibilitará outro pensamento, um imperativo para todos os seres humanos, a fim de reencontrarmos outros jeitos de conviver e de ampliar nosso agir, no sentido da ética da compreensão. Esse é o caminho da esperança.

## Diversity and belonging: a reading from short animated films

**Abstract:** This article deals with diversity and the sense of belonging experienced in a number of situations and contexts present in our daily lives. It takes a qualitative approach, supported by sources of a bibliographical and documental nature, based on four short animated films, using as its theoretical base the complex thinking of Edgar Morin, marked by the ethics of understanding.

**Keywords:** Films. Diversity. Belonging. Ethics. Complex thinking.

## REFERÊNCIAS

COUTO, M. *E se Obama fosse africano?* E outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUERDAS. Direção: Pedro Solís Garcia. Produção: Nicolás Matji. Direção artística: J. J. García Galocha. Madrid: La Fiesta Producciones Cinematográficas, 2014. Curta-metragem de ani-

mação (10 min e 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OrGEjSn1v8Y>. Acesso em: 2 mar. 2019.

DECLARAÇÃO de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca: Unesco, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

DENIS, S. *O cinema de animação*. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

IN A HEARTBEAT. Direção: Beth David e Esteban Bravo. Produção: Beth David e Esteban Bravo. Sarasota, FL: Ringling Colleg of Art + Design, 2017. Curta-metragem de animação (4 min e 4 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2REkk9SCRn0>. Acesso em: 2 mar. 2019.

MORIN, E. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

MORIN, E. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000b.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

MORIN, E. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, E. *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, E. *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina, 2013a.

MORIN, E. *A via: para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013b.

MORIN, E. *Fronteiras 10 anos: Edgar Morin*. 3 set. 2016. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/edgar-morin-a-perda-do-futuro-e-a-necessidade-de-identidade>. Acesso em: 17 abr. 2019.

MORIN, E.; KERN, A. B. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PURL. Direção: Kristen Lester. Produção: Gillian Libbert-Duncan e Lindsey Collins. Emeryville, CA: Pixar Animation Studios, 2019. Curta-metragem de animação (8 min e 43 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B6uulHpFkuo>. Acesso em: 2 mar. 2019.

SANTOS, B. de S. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos, v. 3).



SEIDENTHAL, E. *Cuerdas*: 11 minutos para celebrar a diversidade. Rede Ubuntu de EUprenendedorismo. Disponível em: <https://www.redeubuntu.com.br/index.php/blog/cordas-11-minutos-para-celebrar-solidariedade>. Acesso em: 16 abr. 2019.

THE PRESENT. Direção e animação: Jacob Frey. Produção: Anna Matacz. Ludwigsburg: Filmakademie Baden-Wuerttemberg, 2014. Curta-metragem de animação (4 min e 18 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WjqIU5FgsYc>. Acesso em: 2 mar. 2019.

Recebido em maio de 2019.

Aprovado em maio de 2020.